

Reivindicando a identidade

Índios querem ser reconhecidos como povos, mas não exigem territórios autônomos

DURBAN, África do Sul

Depois da discussão sobre medidas para reparar a discriminação contra os negros, foi a vez dos índios na Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, na África do Sul. Eles querem ser reconhecidos como povos que têm história, língua e cultura próprias, e não como remanescentes de uma civilização do passado, que os brancos consideram em extinção. Esta é a principal de uma série de reivindicações que os índios apresentarão durante a conferência, onde representantes indígenas das três Américas estão discutindo seu futuro. A proposta, encaminhada pela delegação indígena brasileira, teve o apoio de índios de outros países, entre os quais o Peru. Embora reivindiquem tornar-se povos, eles não exigem, porém, territórios autônomos.

— Temos de ser encarados como povos indígenas, porque esta é a nossa identificação — disse Azelene Caingangue, do Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, membro da delegação brasileira enviada à conferência.

“Os índios estão aqui para mostrar que estão vivos”

• Além de Azelene, seis índios acompanham os debates da reunião promovida pela Organização das Nações Unidas na África do Sul. Desarticulados no início, aos poucos vão tomando contato com delegados de outros países, principalmente com os negros. A programação paralela das ONGs no evento facilitou os contatos.

— Temos os mesmos problemas e as mesmas reivindicações — disse a macuxi Irani Barbosa dos Santos Miziaba, da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima, desfilando de cocar, brincos e colar de penas coloridas entre os pavilhões do Centro Internacional de Convenções.

Delegados de outras partes do mundo pediam licença para fotografar a brasileira.

— Na minha aldeia, ando nua e ninguém repara. Os índios estão aqui para mostrar que estão vivos — disse Irani, para quem a curiosidade dos estrangeiros é exemplo de discriminação.

Irani e seus parentes pataxós advertem que os índios não devem lutar apenas pela terra, mas “por terra produtiva, que tenha mata, caça, água e peixe”.

— Na região de Porto Seguro, onde vive meu povo, a terra está toda destruída — disse Joel Braz, cacique pataxó de Aldeia Nova.

Embora reivindiquem terras, eles não exigem ser reconhecidos como nações, com territórios autônomos dentro de um Estado independente. Para Azelene, não adianta dar esse status aos índios e não respeitar



IRANI, ÍNDIA MACUXI da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima, da delegação brasileira

seus direitos.

“Quero continuar brasileira”

• — Gosto de ser brasileira, quero continuar brasileira, sem território autônomo, mas com respeito aos direitos de meu povo — disse.

A índia peruana Luz Gladis Vila Pihue, da al-

deia quéchua, endossou:

— As populações indígenas são expulsas de suas terras, de acordo com os interesses de mineradoras e madeireiras, enquanto povos conseguem ser respeitados.

O secretário do Departamento de Direitos Humanos do Ministério das Relações Exteriores, Tadeu Valadares, afirmou ontem, em reunião da delegação brasileira, que os negros e os índios serão destaque na pauta do Brasil, na conferência contra o racismo.